

O azedo e o doce

a simbologia do alimento na construção da personagem feminina idosa nos contos “Feliz Aniversário”, de Clarice Lispector; e “Doce de Teresa”, de Flávia Savary

Marina João Bernardes de Oliveira¹

RESUMO: Por meio do uso de metáforas voltadas tanto para o paladar, quanto para o alimento, culminando numa dicotomia azedo/doce, os contos “Feliz aniversário”, de Clarice Lispector; e “Doce de Teresa”, de Flávia Savary apresentam personagens femininas idosas oprimidas e manipuladas por um grupo dominante. Por essa razão, este artigo analisa como essas mulheres se comportam diante de tal dominação. Além disso, as estuda em relação à *zona selvagem*. Essa, de acordo com os antropólogos de Oxford, Shirley e Edwin Ardener, é um espaço onde as mulheres expressam o que lhes é reprimido por um grupo dominante.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres, conto literário, alimento, Clarice Lispector, Flávia Savary.

THE SOUR AND THE SWEET: THE SYMBOLISM OF FOOD IN THE CONSTRUCTION OF THE FEMALE AND ELDERLY CHARACTER IN THE SHORT STORIES “FELIZ ANIVERSÁRIO”, BY CLARICE LISPECTOR AND “DOCE DE TERESA”, BY FLÁVIA SAVARY

ABSTRACT: Through the use of metaphors aimed at both palate and food, culminating in a sour /sweet dichotomy, the short stories “Feliz aniversário”, by Clarice Lispector, and “Doce de Teresa”, by Flávia Savary, present oppressed elderly female characters which are manipulated by a dominant group. This paper assesses how these women behave in the face of such domination. In addition, it aims to study them in relation to the “wilderness”. This, according to Oxford anthropologists Shirley and Edwin Ardener, is an area where women express what is repressed by a dominant group.

KEYWORDS: women, literary tale, food, Clarice Lispector, Flávia Savary.

O presente trabalho analisa a representação da personagem feminina idosa nos contos “Feliz aniversário”, de Clarice Lispector; e “Doce de Teresa”, de Flávia Savary. A seleção destes contos se deu pelo fato de apresentarem protagonistas que são matriarcas desprezadas por um grupo dominante: seus próprios familiares. No entanto, é pertinente salientar que tal análise discute como o alimento, metaforizado pelos sabores azedo e doce, respectivamente, corrobora para o aparato simbólico da representação da personagem feminina idosa. Para tanto, tem-se como referencial teórico as tendências contemporâneas da crítica feminista, uma vez que esta tem investigado a literatura de autoria feminina dando ênfase a quatro enfoques: o biológico, o linguístico, o psicanalítico e o cultural. Este último foi o escolhido para nortear tal trabalho por ser o mais completo, conforme afirma Showalter: “De fato, uma teoria da cultura incorpora ideias a respeito do corpo, da linguagem e da psique da mulher, mas as interpreta em relação aos contextos sociais nos quais elas ocorrem.” (SHOWALTER, 1981, p. 44)

É válido frisar que dentro de tal enfoque é abordada a questão da *zona selvagem* que, conforme os antropólogos de Oxford, Shirley e Edwin Ardener, diz respeito a uma área só das mulheres, uma experiência feminina que é estranha ao universo masculino.

Para complementar a análise, também são levadas em consideração as três grandes fases apontadas por Elaine Showalter (1981), pelas quais a literatura feita por mulheres percorreu. Com base nisso, é possível identificar se os contos em pauta são apenas imitação dos padrões dominantes (fase feminina), ou se contestam tais padrões (fase feminista), ou se já estão marcados pela busca de uma identidade própria (fase mulher).

¹ Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Etec Antonio Devisate e doutoranda em Letras pela Unesp. Contato: marina_joao@yahoo.com.br

A escolha das autoras, Clarice Lispector e Flávia Savary, e seus respectivos contos, “Feliz Aniversário” e “Doce de Teresa”, tem como base o propósito da crítica feminista de que o conhecimento é construído a partir de uma ideologia, como afirma Rita Terezinha Schmidt:

A afirmação de que os pesquisadores brasileiros deveriam dar menos atenção às ideologias e produzir mais trabalhos científicos, torna vulnerável a área das Ciências Humanas e da Literatura, pois remete ao debate não resolvido e sempre problemático da ciência versus hermenêutica, por outro inviabiliza o sujeito feminista, que por força de sua historicidade está empenhado na produção do conhecimento que se quer como prática ideológica, no sentido de resistência e intervenção, tanto na hegemonia do establishment crítico acadêmico quanto na própria realidade social e material. Como falo a partir desse sujeito, as reflexões que seguem dizem respeito a um modo de teorizar e de se auto-inscrever que, no contexto dos estudos literários, se denomina crítica feminista. (SCHMIDT, 1994, p. 23)

Lispector e Savary, duas autoras de estilo e de épocas distintas, nesses contos, apresentam personagens idosas desprezadas por um grupo dominante. De acordo com os estudos da crítica feminista, como tais personagens lidam com esta situação?

Clarice Lispector foi apontada por parte da crítica como aquela que primeiro apresentou na literatura brasileira personagens femininas que avaliam de forma crítica o legado patriarcal que as cerca. Com isso, Clarice deixou não só uma espécie de tradição em nossa literatura quanto à mulher como sujeito, mas também um rico material a ser estudado pela crítica feminista, como aponta Lúcia Helena Vianna:

Acredito que seja principalmente em função disso que se pode afirmar ter Clarice plantado definitivamente dentro de nossa literatura, de nossa cultura o lugar da mulher enquanto sujeito-Autor, abrindo uma *tradição*, espécie de continuidade literária que já se pode bem reconhecer e avaliar. Vamos deixar claro que não se está dizendo que Clarice seja a primeira autora brasileira, nem a primeira grande autora. [...] É necessário, portanto, que se comece a pensar de maneira mais conclusiva a obra da escritora que mais tem motivado a crítica literária feminina, e não apenas esta, entre nós. (VIANNA 1994, p. 300)

Clarice cria personagens femininas que apresentam uma angústia que as motiva a libertarem-se. Porém, vale ressaltar que o conto “Feliz aniversário” foi o primeiro da autora a apresentar uma mulher idosa com este perfil.

Anita, a velha protagonista de “Feliz Aniversário”, é quem teria iniciado esse legado de personagens femininas idosas na obra de Clarice, como mostra Gotlib:

O desejo violento e insatisfeito atormenta também a velhice. Há um conjunto de personagens-mulheres-velhas, criadas por Clarice nesse período, que apresentam marcas muito específicas. Descendentes de D. Anita e de Mocinha (“Viagem a

Petrópolis”), guardam uma intimidade reservada, meio sagrada, que se alia a um grotesco da situação de marginalidade e de abandono social. (GOTLIB, 1995, p. 419)

Essa tradição iniciada por Clarice também é discutida por Heloisa Buarque de Hollanda:

A única exceção talvez seja Clarice Lispector, única mulher com descendência; mas a leitura que se faz de Clarice é estranha, ainda que em sua obra estejam explicitadas questões de alto porte em relação às problemáticas de gênero e de classe. [...] a maior quantidade de estudos sobre Clarice é de natureza filosófica, principalmente nos campos do existencialismo e da fenomenologia, seguindo-se as análises de natureza semiótica, sociológica, mítica, espiritualista, psicanalítica e biográfica, sendo a incidência de estudos que levem em conta os aspectos específicos da autora enquanto determinante de uma ordem particular de problemas, visivelmente minoritária. (HOLLANDA, 1994, p.457)

Ao se estabelecer um paralelo desse conto de Lispector com o conto de uma autora contemporânea, Flávia Savary, verifica-se o desenvolvimento de uma tradição voltada à questão da personagem feminina idosa. Tal tradição é construída a partir do uso de metáforas que exploram os sabores azedo e doce, respectivamente, num contexto de duas festas caracterizadas pela imagem da mesa farta: uma festa de aniversário e o Natal.

A crítica feminista, mais especificamente Showalter, aponta o fato de a produção literária das mulheres apresentar três fases. A feminina, que consiste na reprodução dos modelos patriarcais; a feminista, que contesta tais modelos em busca da formação de uma própria identidade e a fase mulher, que trata do alcance dessa identidade.

De acordo com essas três fases, a obra de Clarice se encontra na segunda, pois suas personagens ainda estão em busca dessa contestação, da libertação do legado patriarcal. Tal afirmação pode ser atestada pelas palavras de Elódia Xavier:

A obra de Clarice Lispector rompe com esse estado de coisas, pondo em questão as relações de gênero. Os contos de *Laços de família* (1960), — o próprio título é muito significativo —, tornam visível a repressão sofrida pelas mulheres nas cotidianas práticas sociais. [...] Chamar esta etapa de feminista não significa dizer que ela é panfletária; ninguém discute o valor estético da obra de Clarice e, no entanto, ela traz nas entrelinhas uma pungente crítica aos valores patriarcais.

O mesmo acontece com a obra de outras tantas autoras desse período que se estende, aproximadamente, até 1990. (XAVIER, 1999, p.3)

Quanto ao conto em questão de Flávia Savary, ele se destaca por ser publicado após esse período que Xavier aponta como a produção de uma literatura da fase mulher e por abordar uma personagem feminina idosa que, assim como Anita de Clarice Lispector, é desprezada por um grupo dominante, ambas tiveram sete filhos e vivem sem a companhia do marido. Outro destaque é por se tratar de um conto de uma escritora viva, que ainda

produz textos literários e cuja obra apresenta poucos estudos, contribuindo com os estudos de autoria feminina.

Anita e os laços de família

Como já foi mencionado, esta análise tem como referência o modelo cultural da escrita dos textos produzidos por mulheres. Desse modo, parte-se da premissa que um dos primeiros aspectos desse tipo de leitura consiste no reconhecimento de um discurso em que há duas vozes: uma corresponde à história dominante e a outra à silenciada.

Tal fato pode ser constatado no conto de Clarice Lispector. Em “Feliz aniversário” há um discurso dominante e uma voz silenciada. O primeiro pertence aos filhos da matriarca, Anita, que a manipulam como se ela fosse um cadáver. Anita é a voz silenciada que, mesmo num momento de cólera no qual ocorre sua epifania, não expressa seus sentimentos por meio da fala, mas do cuspe. Essa característica pode ser melhor compreendida pelas palavras de Márcia Guidin “Todas as mulheres velhas enfrentam ausência de funções e são vistas com desdém pelo círculo social ou familiar, que se nega a voltar o pensamento para a velhice e para a morte.” (GUIDIN, 1989, p. 163).

Diante disso, é importante expor como é a vida dessa matriarca, a fim de se compreender como ocorre essa dinâmica de manipulador e manipulado e de se verificar como ela reage a tal situação.

A personagem Anita é viúva, 89 anos, mãe de sete filhos, dentre os quais seis são homens e apenas uma mulher, Zilda, com quem a protagonista mora. Há também as noras, netos e bisnetos, portanto, trata-se de uma família grande. Apesar disso, Anita é uma mulher que, na verdade, vive na solidão, pois seus familiares só a visitam uma vez por ano, em virtude de seu aniversário, porém nota-se que todos se reúnem contra suas vontades.

No início do conto já começam a ser expostas as verdadeiras intenções dos familiares de Anita em relação a essa festa de aniversário, como no trecho:

Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados. (LISPECTOR, 1976, p. 59)

Além disso, observa-se que não se trata só de um passeio ou de uma mera formalidade a reunião familiar no aniversário de Anita. Há uma intenção maior, a de *comemorar* pela última vez mais um ano de vida da matriarca, pois, assim, não seria mais preciso realizar tal encontro repleto de hipocrisia. Isso pode ser confirmado em: “Dada a primeira talhada, como se a primeira pá de terra tivesse sido lançada, todos se aproximaram de prato na mão, insinuando-se em fingidas cotoveladas de animação, cada um para a sua pazinha” (LISPECTOR, 1976, p. 65).

O fragmento acima citado mostra que todos querem a morte de Anita, o que justifica a analogia feita no texto acerca da divisão dos pedaços de bolo com o processo de um enterro. Sobre este aspecto e o fato de, depois, a velha cuspir, Márcia Guidin afirma: “Enquanto os mais jovens devoram o bolo, a velha cospe, num movimento inverso de deglutição com que evidencia o conflito vida/morte”. (GUIDIN, 1989, p.159). Ou seja, enquanto todos querem a sua morte, Anita parece querer viver.

Há no conto várias referências à ideia de morte como em: “Eles se mexiam agitados, rindo, a sua família. E ela era a mãe de todos. E se de repente não se ergueu, como um morto se levanta devagar e obriga mudez e terror aos vivos, a aniversariante ficou mais dura na cadeira, e mais alta. Ela era a mãe de todos” (LISPECTOR, 1976, p. 66). Ou a ironia do filho José: “ — Até o ano que vem! Disse José subitamente com malícia, encontrando, assim, sem mais nem menos, a frase certa: uma indireta feliz! Até o ano que vem, hein?, repetiu com receio de não ser compreendido.” (LISPECTOR, 1976, p. 73). Ou ainda o excerto em que Zilda prepara sua mãe para a festa como se a preparasse para o próprio velório da velha:

E, para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço. Puse-ra-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado — sentara-a à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa. (LISPECTOR, 1976, p. 61)

De acordo com esses fragmentos, nota-se que Anita não é amada de fato por seus familiares. Eles a tratam como um cadáver e anseiam por sua morte, pois é evidente que não há laços afetivos entre ela e seus filhos, noras, netos e bisnetos, mas laços sociais que são uma espécie de “algemas” que aprisionam uns aos outros e só a morte da matriarca possibilitará a libertação de todos.

Portanto, a presença dessas pessoas não é voluntária, trata-se de uma obrigação para que “nem todos os laços fossem cortados”. Tal aspecto vai ao encontro das palavras de Ecléa Bosia respeito da relação velho/adulto: “A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que pode se traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade”. (BOSI, 1987, p.36).

A celebração de cada aniversário de Anita reforça a prisão familiar a que todos estão acometidos. Como destaca Márcia Guidin: “Todas as relações familiares entre filhos, noras, netos e bisnetos são reatadas simultaneamente em sua festa de aniversário e perpassadas pelo desconforto que a longevidade criou”. (GUIDIN, 1989, p.157).

A respeito do conto apresentado, vale ainda ressaltar que ele tem como núcleo narrativo um momento de tensão, mais necessariamente um momento de conflito interior. Tal momento ocorre de forma súbita e promove uma ruptura da personagem com a realidade na qual ela está inserida. No caso de Anita, seria seu acesso de cólera, promovido por meio de suas observações sobre seus familiares.

Ademais, o caráter submisso apresentado por Anita é marcante não só porque ela é mulher, mas, principalmente, por ser idosa. Isso ocorre porque neste texto, a velhice é vista como declínio, tanto da capacidade física, quanto da psíquica.

Essa personagem de Lispector ao romper, ainda que momentaneamente, com o plano real, logo rompe com a rotina que a cerca. Portanto, Anita quebra a repressão à qual está submetida, ao cuspir no chão e ao pedir vinho para beber.

O cuspe é a representação material do que Anita sentia e estava reprimindo em relação a sua família, a qual, para ela, é azeda. A velha não consegue compreender como eles podem ser maus frutos, por isso critica, sente nojo dos que a cercam, culminando no momento de cólera seguido da cusparada. Essa só vem ressaltar que não há laços de família. Isso se confirma com a simbologia da saliva apresentada por Chevalier e Gheerbrant (1994, p. 799): “A saliva apresenta-se como uma secreção dotada de um poder mágico ou sobrenatural de duplo efeito: ela une ou dissolve, cura ou corrompe, aplaca ou ofende. Misturada às operações da palavra assume a virtude desta”.

O Tempo e o espaço na vida de Anita

Em “Feliz Aniversário”, por meio de um foco narrativo onisciente seletivo múltiplo, têm-se as referências ao tempo diretamente ligadas à própria existência de Anita. Como se constata em: “Há um ano atrás ela era capaz de subir essas escadas ...” (LISPECTOR, 1976, p. 65). Esse comentário é da filha, Zilda, referindo-se a um aspecto do passado da aniversariante. Já em: “ — Hoje é dia da mãe!” (LISPECTOR, 1976, p. 66), há o comentário irônico dos filhos em relação ao presente em que todos comemoram ironicamente o aniversário de Anita. Ou ainda em: “ — Até o ano que vem!...” (LISPECTOR, 1976, p. 74) nota-se a referência ao possível futuro de Anita, uma vez que esse é a grande expectativa de todos: se comemorarão ou não os 90 anos da matriarca no próximo ano.

Quanto ao espaço em que Anita vive, ela mora num apartamento, tipo de moradia cercada de pessoas, além de residir com sua filha Zilda. Apesar disso, a protagonista é uma pessoa solitária, o que reforça a ideia de que ela não é importante para seus familiares. O fato de ser um apartamento que se encontra num prédio, que está prestes a cair e o acesso a ele ser difícil, devido à escada com pouca iluminação, remete à ideia de que a relação entre ela e seus parentes é delicada e de difícil acesso.

Essas características também estão relacionadas à busca de uma outra realidade por parte de Anita (*a zona selvagem*), já que os degraus da escada simbolizam os anos de vida e o contato entre o céu e a Terra. Este contato é o grande mistério a ser desvendado pela personagem em questão, ou seja, se ela terá ou não mais um ano de vida. O outro aspecto refere-se à escada que dificulta o acesso dos familiares à casa de Anita, reafirmando os complexos laços existentes na família desta mulher.

Sobre a simbologia da escada, essa também representa a ascensão espiritual, uma via de comunicação entre diferentes níveis, o que no caso de Anita pode se referir ao fato de ela estar em um processo de ascensão gradual, pois a morte é para ela um mistério. Quanto

aos diferentes níveis citados, podem remeter ao céu e a Terra, sendo esta o princípio passivo e o céu, o ativo. Dessa forma, enquanto Anita está viva, ou seja, permanece na Terra, será passiva, manipulada e, ao morrer, seria plenamente independente. Isso se justifica pelo fato de o céu simbolizar a manifestação direta do poder, da perenidade, enquanto a Terra representa a função maternal, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (1994)).

Esse relacionamento conturbado entre a personagem de Lispector e seus familiares vai ao encontro da decoração do apartamento cujo teto está enfeitado com balões e, sobre a mesa, há um enorme bolo. O que era para representar alegria, contrasta com a insatisfação de todos os participantes da festa.

Sobre a decoração da festa de Anita, é importante ressaltar que se trata de enfeites típicos de uma festa infantil. Isso é confirmado por Cleusa Passos:

Zilda, além de ocultar exaustão e angústia por cuidar da mãe, organiza uma festa cujo bolo açucarado, “os copos de papelão alusivos à data”, os balões e guardanapos coloridos manifestam uma visão falseada e infantil de Dona Anita, não contestada, aliás, pelos convidados. (PASSOS, 1995, p.47)

A protagonista de “Feliz Aniversário” também é tratada como criança, por parte de Zilda, quando Anita surpreende a todos com sua atitude colérica que culmina no ato de cuspir. Nesse momento há uma troca de papéis, ou seja, a filha Zilda repreende a mãe Anita, mas como se fosse, na verdade, mãe-Zilda e filha-Anita. Isso pode ser comprovado pelas palavras de Cleusa Passos: “[...] Vexada, Zilda não só se acha responsável pela ‘educação da mãe’, mas ainda chama sua atenção de forma comparável à maneira de ralhar com uma criança: ‘Mamãe, que é isso! [...] A senhora nunca fez isso!’” (PASSOS, 1995, p.51).

Para analisar a reação surpreendente de Anita, é pertinente valer-se da afirmação de Simone de Beauvoir (1990), sobre o fato de o velho estar sempre em atitude de defesa, mesmo quando lhe são dadas garantias de segurança. Isso ocorre porque o velho não tem confiança no adulto.

Esse tom amargurado é reforçado pela descrição do apartamento de Anita: “As escadas eram difíceis, escuras, incrível insistir em morar num prediozinho que seria demolido mais dia menos dia, e na ação de despejo Zilda ainda ia dar trabalho e querer empurrar a velha para as noras...” (LISPECTOR, 1976, p. 73)

Portanto, constata-se que em “Feliz aniversário” o fato de as ações ocorrerem num apartamento só intensifica a ideia de que neste conto não há, de fato, relações familiares. O que se constata é que a família de Anita tenta suportar o breve convívio com ela durante a festa, com a esperança de que isso não se repita no próximo ano.

O despertar de Anita

Sobre o despertar de Anita, isto é, sobre a sua relação com a *zona selvagem*, é relevante apontar os aspectos que contribuem para o seu desenvolvimento. Um primeiro aspecto

a ser destacado é a forte referência ao sabor azedo que remete ao desprezo, à cólera apresentados por Anita em relação aos seus próprios familiares. Como se confirma em: “[...] O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria.” (LISPECTOR, 1976, p. 67).

A conclusão apresentada é questionada pela própria Anita, pois, segundo ela, seu marido era um bom homem, a quem obedecia e respeitava, por isso ela revolta-se ao ver seus filhos tão azedos. Diante disso, nota-se que Anita era submissa ao marido e, agora, viúva, deveria ser a grande líder da família, porém não exerce esse poder de fato, uma vez que seus parentes não a respeitam como tal.

Uma possível explicação para Anita ser caracterizada por uma personalidade azeda é o fato de ela usar, de certa forma, sua velhice como um álibi. Ou seja, essa personagem se acomodou ao fato de ser velha, o que permitiu aos seus familiares a dominarem. Ela se neutraliza, para não se sentir culpada por seus frutos azedos, no entanto, isso custa-lhe caro porque ela perde não só sua autonomia, como também desenvolve um sentimento de decadência, resultando numa amarga sensação de inutilidade diante de um mundo de solidão e de indiferença. Além de passar, brutalmente, da condição de detentora de poder, de domínio, de responsabilidade para o papel de objeto dependente.

Desse modo, Anita, por ser velha, se liberta da responsabilidade de ter dado origem a essa família, mas, concomitantemente, isso a transforma numa mulher azeda como seus familiares. Como se pode atestar nas palavras de Simone de Beauvoir sobre tal atitude dos idosos: “No plano intelectual, a velhice pode também ser liberatória; ela livra das ilusões. A lucidez que traz é acompanhada de um desencanto que muitas vezes é amargo”. (BEAUVOIR, 1990, p.601).

Outro fator a ser ressaltado é o olhar, isto é, Anita ainda que excluída e manipulada por seus familiares, os enfrenta por meio de seu olhar. É esse o momento em que ela constata o quanto seus filhos são seres vazios: “E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspisse.” (LISPECTOR, 1976, p. 66).

A partir disso, verifica-se que ao realizar este confronto de olhares, Anita volta-se a uma outra realidade, pois ela passa a refletir sobre seu passado e seu presente e chega a conclusões decepcionantes acerca de seus filhos, netos e bisnetos.

Essa realidade almejada por Anita é denominada *zona selvagem*, como explica Showalter

Espacialmente ela significa uma área só das mulheres, um lugar proibido para os homens, [...]. Experimentalmente, significa os aspectos do estilo de vida feminino que estão do lado de fora e diferenciam-se daquele dos homens; [...]. Mas, se pensarmos na zona selvagem metafisicamente, ou em termos de consciência, não há espaço masculino correspondente, já que tudo na consciência masculina está dentro do círculo da estrutura dominante e, desta forma, acessível à linguagem ou estruturada por ela. (SHOWALTER, 1981, p. 48)

Os conflitos existentes entre Anita e seus parentes fazem com que ela busque uma outra realidade, a *zona selvagem*, que, no seu caso, trata-se da sua morte. Essa, para Anita, ainda é um mistério. Prova disso é a expectativa que se cria a partir da frase de José: “ — Até o ano que vem!” (LISPECTOR, 1976, p. 72), e pela observação feita pelo narrador no último parágrafo de “Feliz Aniversário”: “A morte era o seu mistério.” (LISPECTOR, 1976, p. 75).

A relação entre a morte e a busca de uma outra realidade como concretização da *zona selvagem* pode ser atestada pelo que diz Lúcia Vianna

Quando Márcia Lígia diz que Clarice escreve para morte e o morrer, eu me pergunto se não o faz com o propósito ilusório de constituir para si um lugar de permanência para além da Morte. Lugar que se instaura na consagração definitiva do Autor, ao preencher de sentido a própria assinatura. (VIANNA, 1994, p.306)

No entanto, vale ressaltar que essa busca por parte de Anita teve como ponto de partida o conflito vivido entre ela e seus familiares. Esse conflito chega ao ápice logo após a partilha do bolo, pois a matriarca passa a olhar sua família, o que lhe provoca o sentimento de nojo. A cena da partilha do bolo vai ao encontro do que diz Márcia Guidin sobre o que Bakhtin explica a respeito das ações “comer” e “morrer”:

Este trecho é um belo exemplo do elo entre comer e a morte, desenvolvido por Bakhtin em “O banquete e Rabelais”. Explica o autor que entre outros sentidos, morrer significa ser devorado, ser comido. Degustando o mundo, comendo, o homem triunfa sobre ele e sobre a morte: engole-o em vez de ser engolido por ele. (GUIDIN, 1989, p. 158)

Desse modo, a cena da partilha pode ser relacionada com a questão da morte e, consequentemente, com a busca da *zona selvagem*. Essa, por sua vez, só foi atingida momentaneamente por Anita, por meio da epifania, por ser um momento de grandes descobertas, de grandes revelações. Devido a isso, o conflito vivido pela personagem de Lispector deixa de ser externo (em relação aos parentes) e passa a ser interno (com ela mesma), é o que se confere em: “Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? [...] Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio.” (LISPECTOR, 1976, p. 66 -67). Esse momento epifânico pelo qual Anita passa pode ser melhor compreendido pelas palavras de Lúcia Vianna:

Angústia que se multiplica pelas demais personas de Clarice, ao longo dos vários livros, todas perplexas diante do existir, carregando como sobrecarga dolorosa a situação da falta, associada a um aprisionamento do qual, como animal histérico, debatem-se por libertarem-se. É possível surpreender no texto de Clarice a mulher a descolar-se pouco a pouco da passividade em que se viu tradicionalmente atrelada. Ela não se deixa morrer nem se suicida como as heroínas convencionais. Ao contrário, caminha pela vida em permanente diálogo com a morte. (VIANNA, 1994, p.302)

Diante disso, é possível afirmar que Anita tenta atingir sua *zona selvagem* e chega a realizar isso, mas apenas durante o momento epifânico, pois Anita retorna ao comportamento dependente e manipulado por sua família.

É importante apontar que outra imagem explorada é a de que a festa de aniversário feita para Anita seria uma alusão à Santa Ceia devido aos seguintes fatores: Zilda renega sua mãe por três vezes e a aniversariante pede um cálice de vinho. Tal fato reforça a ideia de sacrifício, neste caso, o de Anita; além da mesa com o bolo, os doces e os salgados, o que remete à mesa da Santa Ceia.

Outra imagem muito enfatizada neste conto de Lispector é a auditiva, por meio do grito das crianças, do grito de Zilda, o cuspe e o grito de cólera de Anita e o canto de parabéns. Este reafirma o conflituoso relacionamento entre a família da aniversariante, pois até no momento em que todos deveriam se unir para homenageá-la, ocorre um desencontro, já que uns cantaram em português e outros em inglês.

Por fim, há a existência de uma lacuna nesse texto de Lispector, que consiste na dúvida estabelecida ao leitor em relação à expectativa da comemoração dos 90 anos de Anita no próximo ano. Desse modo, explora-se a temática da morte de uma maneira que deixa o leitor incomodado, fazendo com que o texto fuja a sua compreensão. Em “Feliz aniversário”, essa lacuna é evidente ao apresentar como frase final acerca da protagonista: “A morte era o seu mistério.” (LISPECTOR, 1976, p. 75). A esse detalhe também pode ser acrescido o fato de Anita ser velha, pois, de acordo com o contexto em que o velho geralmente está inserido, a vida passa a ser penosa e a morte é um alívio e isso pode ser atribuído a ela.

Teresa: a quebra de estereótipos

A personagem Teresa, de Flávia Savary, tem uma vida calma, sem reclamações, é uma amante da vida. Ela vive numa casa que parece de brinquedo, num cenário bucólico. A definição do lugar onde mora é: “Ali não é um lugar, é uma lembrança de infância.” (SAVARY, 2001, p. 192)

Apesar desse cenário agradável, Teresa, com 96 anos, vive sozinha, pois foi abandonada, há muito tempo, pelo marido e criou seus sete filhos com a venda de doces. Os filhos não a visitam, nem em datas especiais, o que provoca a revolta das pessoas em geral, menos de Teresa. De acordo com o narrador, os filhos não a visitavam por terem o jeito do pai: “Nenhum puxou o jeito doce, todos traziam o selo do pai: sério, preocupado com essa coisa de fazer dinheiro.” (SAVARY, 2001, p. 194)

Teresa recorre a dois recursos para não sofrer. O primeiro seria o sonho: “Com seus olhinhos de jabuticaba, só faz sonhar. Por isso que a vida não dói.” (SAVARY, 2001, p. 193). Por meio do sonho, ela volta à infância, resgata lembranças que lhe são agradáveis. O outro diz respeito aos doces que Teresa faz, como se ela adoçasse a sua própria vida: “Teresa, não. Nunca reclama. Ao invés, faz mais doces, mais e mais.” (SAVARY, 2001, p. 194)

Teresa tem uma atividade que merece destaque: a escrita. A protagonista em questão escrevia, na sua juventude, cartas para uma prima do interior, mas essa atividade foi

interrompida, pois era preciso criar sete filhos sozinha. No entanto, agora que ela está só, tem vontade de voltar a escrever, mas não tem a quem enviar suas cartas, já que a prima morreu e seus familiares estão ocupados demais para atendê-la. Teresa mostra-se tão independente, tão autossuficiente que decide escrever para si mesma.

É possível notar que Teresa não se mostra presa aos seus familiares. Mesmo sem o marido, foi capaz de criar os sete filhos com seus doces e, na velhice, aos 96 anos, é capaz de sobreviver sozinha e ainda buscar os gravetos para seu fogão de lenha, pois com eles faria mais doces. É importante frisar que, durante uma visita dos filhos, no Natal, Teresa vai em busca de um sonho mais profundo: a morte.

O desprezo e a frieza de seus familiares são tão intensos que, mesmo após a morte e o enterro de Teresa, eles dividem os doces da matriarca. Como todos tinham pressa para saírem da casa dela, iam se esquecendo do verdadeiro doce produzido por Teresa: os cadernos em que ela escrevia. Eles só tiveram acesso a esses escritos devido a uma criança, um menino que salta do colo da mãe para buscar debaixo da cama os cadernos de Teresa.

Diante do exposto, constata-se que a personagem de Savary mostra-se como uma senhora independente e feliz, apesar da solidão e do desprezo a que está submetida. Ela é capaz de buscar seu próprio sustento sem depender de ninguém, pois Teresa vende seus doces. O fato de fazer doces, algo elaborado, alquímico também pode ser ligado diretamente ao fato de ela ser velha, porque a alquimia simboliza, segundo Chevalier e Gheerbrant (1994, p. 38): “[...] a própria evolução do homem, de um estado em que predomina a matéria para um estado espiritual: transformar em ouro os metais é o equivalente a transformar o homem em puro espírito.” Tal simbologia só reforça a tese de que de fato Teresa foi em busca de uma nova *zona selvagem* ao ter a sua invadida.

Em suma, Teresa não deixa que fatores externos atrapalhem a felicidade que sente, pois quando isso vai acontecer, Teresa sonha ou faz doces. Por isso é que a vida não dói para essa senhora e, conseqüentemente, não reclama. Ou seja, “fazer doces” é a sua forma de escapismo diante da dura realidade.

O tempo e o espaço na vida de Teresa

O texto “Doce de Teresa”, por meio de um narrador onisciente seletivo, apresenta um enredo que transcorre num tempo vago, próximo de uma fábula. Isso se confirma no último parágrafo desse texto em que se nota uma espécie de mensagem, de lição de moral: “Não sei... É por essas e outras que eu acho que a vida devia começar pela sobremesa. O salgado vinha depois. Porque, às vezes, quando o doce chega, não tem mais espaço...” (SAVARY, 2001, p. 196).

Esse caráter atemporal do texto de Savary pode ser reforçado através dos seguintes marcadores temporais: “Nesse meio tempo”, “Um dia ...” e “Até que um dia ...”. O primeiro marcador diz respeito ao período da vida de Teresa em que teve de abandonar os filmes e a escrita, para cuidar, sozinha, dos sete filhos. Já os outros dois marcadores referem-se à visita inesperada dos filhos da protagonista, que ocorreu, mais especificamente, na festa do Natal.

Quanto ao espaço explorado no conto em pauta, verifica-se que Teresa vive num local harmônico e em contato com a natureza, mas que remete à ideia de solidão. De acordo com a descrição da casa de Teresa, nota-se que esta mulher vivia em um mundo só dela e que, quando invadido (com a visita dos filhos), logo ocorre a necessidade de encontrar outro. Isso fica claro no seguinte excerto: “Ali não é um lugar, é uma lembrança de infância. Será por isso que os filhos nunca aparecem?” (SAVARY, 2001, p. 192).

A casa é o símbolo feminino de refúgio materno e essa figura de mãe acolhedora por parte de Teresa não se restringe apenas ao espaço que ela ocupa. Isso se justifica pelo fato de Teresa ter se dedicado exclusivamente aos filhos. Ao ser abandonada pelo marido, abre mão de sua única forma de comunicação, a escrita, a fim de fazer doces para cuidar dos filhos. Tal aspecto pode ser constatado nesta gradação: “Nesse meio tempo, teve de botar as cartas, as letras, os filmes, as histórias de lado. Para depois. Mas depois sempre vem.” (SAVARY, 2001, p. 194).

Por fim, o espaço da cozinha, local onde Teresa fabrica seus doces, segundo a psicanálise, representa as transformações psíquicas ou momentos de evolução interior. Isso também reforça sua imagem de mulher independente, pois ela, em sua casa, mais necessariamente na cozinha, é tomada por uma atmosfera mágica em que Teresa torna-se uma alquimista. Como diz Lucia Guerra (1995, p. 173): “... la cocina se ha transformado también en metáfora de la escritura y del quehacer crítico.” Isso ocorre com Teresa, pois ela não só cozinha, como escreve, e o narrador, ao se referir à escrita dessa personagem, usa um vocabulário típico desse contexto: “canela”, “pitada de baunilha”, “brotando o caldo em calda”. Assim, essa mulher nunca reclama, pois tem nos doces e na escrita seu refúgio, como se nota no fragmento a seguir: “Teresa, não. Nunca reclama. Ao invés, faz mais doces, mais e mais” (SAVARY, 2001, p. 192)

O despertar de Teresa

No que se refere à questão da *zona selvagem*, Teresa já a possui, já domina esse espaço que só a ela pertence. Além disso, em “Doce de Teresa”, é importante destacar que Teresa fala pouco, mas, por outro lado, escreve. Isso justifica a escassez da fala, pois Teresa escrevia longas cartas à prima.

Outro detalhe que diferencia esse texto de Savary é a constante referência a imagens gustativas, pois tudo na vida de Teresa tinha alguma relação com comida, principalmente com os doces, como se observa em: “E tendo já uma queda para o doce, ia matando menos índios, [...]” (SAVARY, 2001, p. 193), ou “Os sete filhos criados foram cada um para um lado. Nenhum puxou o jeito doce.” e “Uma vida toda para contar, bem temperada. Doce que nem ela.” (SAVARY, 2001, p. 194).

Essa frequente referência ao sabor doce também pode ser chamada de motivo, ou seja, imagens que se repetem num texto com o objetivo de contribuir com a amplitude significativa do mesmo. Ainda é válido destacar que o principal doce produzido por Teresa é a sua

escrita, uma vez que essa seria um meio de comunicação dela com o mundo e que, junto da fabricação dos doces, fazia dela uma mulher calma, pacata.

O fato de Teresa se comunicar por meio da escrita simboliza a perda da presença física, o corte do vínculo humano. Trata-se de um novo esforço para reapropriar-se da presença de uma maneira simbólica. Desse modo, Teresa foge da troca de olhares com sua família porque, ao morrer, já se encontrava numa outra realidade à qual eles não teriam acesso. Em outras palavras, essa realidade é sua *zona selvagem*. Prova disso é o fato de que quando os filhos de Teresa a visitam, isto é, invadem sua *zona selvagem*, ela morre em busca de um outro espaço que seja apenas dela.

No caso de Teresa, o conflito do qual ela foge é o encontro com seus filhos, pois ao visitarem-na, esses últimos passam a invadir um espaço solitário que só a ela pertencia. Dessa forma, Teresa busca, por meio da morte, uma nova *zona selvagem*. A partir disso é possível compreender porque Teresa caracteriza-se por ser uma mulher feliz e independente, pois toda vez que essa felicidade é ameaçada, ela logo recorre a sua *zona selvagem* por meio dos sonhos, ou dos doces, ou da escrita.

Teresa foge totalmente à imagem estereotipada de velhice que defende a ideia de que a pessoa velha não tem mais objetivos de vida, é tomada pela preguiça e condenada ao enfado. Pelo contrário, ela é ativa. Teresa cozinha e escreve. Enfim, sua independência também se deve ao egocentrismo que a pessoa idosa geralmente desenvolve quando tratada com indiferença. Esse egocentrismo representa, simultaneamente, uma espécie de defesa e desforra, transmitindo aos que a cercam a ideia de que já que não é tratada como deveria ser, dedica-se exclusivamente a ela, pois pode contar apenas com ela.

Um paralelo entre o azedo e o doce

Diante do que foi exposto acerca da personagem de Clarice Lispector e a de Flávia Savary, é possível apontar algumas semelhanças e também diferenças. No que diz respeito às semelhanças, essas são bem evidentes entre os contos “Feliz aniversário” e “Doce de Teresa”.

No tocante a Teresa, essa era uma senhora de 96 anos, 7 filhos (o texto não diz se todos são homens ou há alguma mulher), avó e bisavó. Apesar disso, Teresa vive só, como pode-se constatar no seguinte trecho:

Sentada na varanda da sua casinha modesta, mas limpinha, casinha branca de janelas azuis, tão de brinquedo que parece uma pintura. [...] Ali não é um lugar, é uma lembrança de infância. Será por isso que os filhos nunca aparecem? Nem para as festas? (SAVARY, 2001, p. 192)

No entanto, num determinado Natal, essa mulher recebe a visita desses filhos que nunca apareciam, porém, quando eles chegaram à casa da matriarca, ela falece. Após seu enterro, seus familiares dividem entre eles os doces feitos por Teresa até encontrarem o “doce” mais importante: os cadernos em que ela escrevia.

Teresa também é uma espécie de alimento para eles, o que logo remete ao título do conto “Doce de Teresa”, o qual possibilita as seguintes interpretações: os doces feitos por ela, a sua escrita e ela própria.

Tais características destacadas nessa personagem de Flávia Savary também podem ser encontradas na de Clarice Lispector. Anita tem 89 anos, 7 filhos (6 homens e uma mulher), possui netos e bisnetos, mas, assim como Teresa, é solitária, ainda que receba a visita desses familiares todos os anos em seu aniversário e more com a única filha, Zilda.

Igual aos filhos de Teresa, os de Anita dividem entre eles os doces de sua mãe, como é possível verificar em:

Dada a primeira talhada, como se a primeira pá de terra tivesse sido lançada, todos se aproximaram de prato na mão, insinuando-se em fingidas acotoveladas de animação, cada um para a sua pazinha.

Em breve as fatias eram distribuídas pelos pratinhos, num silêncio cheio de rebuliço. As crianças pequenas, com a boca escondida pela mesa e os olhos ao nível desta, acompanhavam a distribuição com muda intensidade. As passas rolavam do bolo entre farelos secos. As crianças angustiadas viam se desperdiçarem as passas, acompanhavam atentas a queda. (LISPECTOR, 1976, p. 65)

Sobre os contos em pauta, destaca-se o poder significativo de seus respectivos títulos. Em “Feliz Aniversário” nota-se a presença da ironia, pois não é o que acontece de fato tanto para Anita, quanto para seus convidados. Além de expressar ironia, tal título também é paradoxal, pois o “Feliz Aniversário” transforma-se na expectativa de um funeral. Quanto ao título do texto de Savary, esse já prenuncia a característica que contribui para o perfil independente apresentado por sua protagonista. No caso de Teresa, há a referência aos doces, a sua personalidade calma, pacata e aos seus escritos.

Uma vez estabelecidas as semelhanças entre essas senhoras, é válido destacar as diferenças. A primeira está voltada à questão dos sabores explorados em cada texto. Em “Doce de Teresa”, há o sabor doce explorado o tempo todo, como atesta o próprio texto: “[...] E o doce? Levado em pote para as casas com mais abundância. Nem por isso acabava de brotar do seu coração, mais doce, mais e mais. Quem não tem vocação para amarga, venha a onda que for – não arrasta. Nem salga.” (SAVARY, 2001, p. 194).

Já em “Feliz Aniversário”, o sabor azedo mostra o desprezo e a cólera apresentados por Anita em relação aos seus próprios familiares, como se observa em: “[...] O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria.” (LISPECTOR, 1976, p. 67).

Esse comportamento colérico pode ser melhor compreendido por meio das palavras de Simone de Beauvoir:

Divertida ou amarga, a sabedoria da mulher velha permanece ainda inteiramente negativa: é contestação, acusação, recusa; é estéril. Em seus pensamentos, como em seus atos, a mais alta forma de liberdade que a mulher parasita pode conhecer é o

desafio estóico ou a ironia cética. Em nenhuma idade de sua vida ela consegue ser ao mesmo tempo eficiente e independente. (BEAUVOIR, 1967, p.362)

Quanto aos maridos, o de Teresa abandonou-a deixando-a só para criar os sete filhos; já o de Anita, segundo ela, era um bom homem, a quem obedecia e respeitava, por isso ela revolta-se ao ver seus filhos tão azedos. Assim, identifica-se o perfil independente dessa personagem de Savary e a submissão da personagem de Lispector, já que Anita é submissa primeiro ao marido e, depois, aos filhos.

Essa submissão pode ser confirmada por Nelson Vieira sobre as protagonistas idosas dos contos de Clarice Lispector, particularmente, a de “Feliz aniversário”:

Em todas estas narrativas, as senhoras idosas se sentem desconexas e descompassadas, mesmo quando certos ritos prometem manter continuidade entre os membros da família, como no conto “Feliz Aniversário”, quando os filhos celebram os anos da mãe aniversariante sem tentarem incluí-la de uma maneira sensível e significativa nas suas vidas íntimas. (VIEIRA, 2003, p.256)

Nelson Vieira ainda complementa:

Estas histórias se manifestam como emblemas da experiência dos idosos e dos seus sentimentos de alienação e de diferença. Aqui a ausência de rituais significativos, da compaixão humana, e do pertencer grupal conota concomitantemente a ausência de continuidade e de identidade nos idosos e em geral significa a não aceitação da diferença social. (VIEIRA, 2003, p.256)

Anita, ainda que excluída e manipulada por seus familiares, os enfrenta por meio de seu olhar. Até o momento em que ela constata o quanto seus filhos são seres vazios: “E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos, netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspiisse.” (LISPECTOR, 1976, p. 66). Teresa evita essa troca de olhares com seus familiares, pois, quando eles chegam à casa dela, ela morre.

A partir disso, nota-se que, ao realizar esse confronto de olhares, Anita volta-se a uma outra realidade, uma vez que ela passa a refletir sobre seu passado e seu presente e chega a conclusões decepcionantes acerca de seus filhos, netos e bisnetos. Por outro lado, Teresa não quer essa troca de olhares com sua família, por isso morre. Tal fato é justificado pela teoria da *zona selvagem*, pois Teresa já se encontrava numa outra realidade à qual eles não teriam acesso. Como houve a tentativa de invadir esse espaço, logo a personagem em questão foi à procura de outro por meio da morte.

Com essas personagens, confirma-se que a velhice é de fato uma fase antitética, ou seja, um período de calma e, simultaneamente, de forte atividade emocional. Isso ocorre porque Anita tem uma velhice perturbada por constatar que não há, realmente, laços familiares entre ela e seus parentes. Teresa tem que lutar continuamente pela preservação do espaço por ela dominado, ou seja, a *zona selvagem*.

Nos dois contos verifica-se também a oposição entre juventude e velhice, pois as duas protagonistas são discriminadas e/ou desprezadas por um grupo dominante, que se caracteriza pela juventude.

A personagem de Lispector tenta se libertar dessa manipulação, dessa espécie de prisão estabelecida pelos próprios laços familiares, mas não consegue. Entretanto, a de Savary consegue ser independente e apresenta um papel social extremamente diverso de Anita, pois vive e sobrevive sozinha, sem reclamar, sem sentir a falta de alguém, organizando sua vida de forma menos falocêntrica e logocêntrica.

Desse modo, a senhora de Lispector pode ser definida como “mulher objeto” pelo seu caráter submisso, pela resignação, pela falta de voz. A de Savary é o exemplo de “mulher-sujeito”, ou seja, é caracterizada pela insubordinação à imposição do paradigma patriarcal, é autossuficiente.

Apesar disso, é importante destacar que, segundo Viana (apud ZOLIN, 2005), foi Clarice Lispector a responsável por iniciar no Brasil uma tradição para a literatura da mulher. Isso vai ao encontro do que Showalter (1981) defende a respeito das subculturas literárias. Essas, para Showalter, percorrem três fases: a de imitação e de internalização dos padrões dominantes; o período de protesto contra estes padrões e a fase de autodescoberta, caracterizada pela procura da formação da própria identidade.

Tais fases correspondem, de acordo com a nomenclatura atribuída pela literatura de autoria feminina, às fases feminina, feminista e mulher, respectivamente. Diante disso, de acordo com Elódia Xavier (1999), Lispector iniciou no Brasil a fase feminista, que se estendeu até meados de 1990.

Isso pode ser notado no conto em pauta de Lispector, pois trata-se de uma mulher idosa numa fase de contestação dos valores predominantes, por meio do momento epifânico, pelo qual ela passa, que lhe permite romper, ainda que por um breve momento, a rotina imposta a ela. Com isso, constata-se uma séria crítica em relação aos valores patriarcais. Isso se justifica porque Anita não tem voz, está presa a um espaço e a um domínio doméstico no qual apenas representa um papel de matriarca, mas de fato não o exerce.

Quanto ao texto de Flávia Savary, verifica-se que corresponde à fase mulher. Tal afirmação baseia-se no fato de que Teresa tem sua própria identidade. Ela sonha, faz doces, escreve, o que não condiz com o “modelo” de idosa estipulado pela sociedade. Diante disso, compreende-se porque a idosa de Lispector é triste, azeda, já que os “laços de família” a aprisionam, evitando a sua transcendência. E porque a personagem de Savary é alegre e nunca reclama, pois vive o reverso do tradicional papel estabelecido às mulheres idosas, enquanto Anita vive tal experiência só durante a epifania.

Anita é vítima da própria velhice ao representar o típico papel (nos moldes patriarcais) destinado às matriarcas, aquele em que ela deve ser dominada pela família. Isso provoca uma falsa imagem de que ela manda e que seus familiares a respeitam. Os familiares dessa mulher acabam representando o papel de rivais, de antagonistas para ela.

O fato de a velha de “Feliz aniversário” ter feito descobertas tão tardias em sua vida, reforça o caráter feminista do texto. Isso ocorre porque só na velhice a personagem em questão vai ter consciência da verdadeira família que tem. Anita constata, aos 89 anos, que sua família é azeda e desunida, chegando a indagar seu papel de matriarca.

Os contos “Feliz aniversário” e “Doce de Teresa” apresentam uma relação complexa quanto à questão da constituição familiar, a qual se fundamenta em duas vertentes: nas relações de associação e de laços biológicos. O que há realmente entre estas matriarcas e seus respectivos familiares são laços biológicos e não laços afetivos. No caso do primeiro texto, os laços são uma metáfora de algemas que aprisionam, que obrigam os membros das famílias a se suportarem, com o propósito de cumprirem convenções sociais, como o aniversário ou a visita à mãe.

Em suma, o que se verificou é que as personagens em pauta são vítimas do desprezo, da indiferença e até do preconceito por parte de um grupo dominante caracterizado pela juventude. Dessa maneira, o que se notou é que tais práticas não se devem só ao fato de elas serem mulheres, mas, principalmente, por serem idosas. Isso se justifica pelo fato de a velhice ser a fase que o ser humano repugna, muito mais do que a morte. Em virtude disso, os filhos desejam a morte de Anita e os de Teresa nunca a visitam.

Teresa era desprezada, mas demonstrou ser independente e autossuficiente, correspondendo, então, à fase mulher. Para tanto, um elemento que corroborou significativamente para tal conclusão foi a metáfora explorada acerca da dicotomia doce e azedo

Isso se deu por meio da exploração de várias imagens relacionadas ao alimento. Inicialmente, as duas idosas recebem seus filhos em datas festivas caracterizadas culturalmente pela mesa farta: uma festa de aniversário e o Natal. Sobre a festa de aniversário constatou-se uma analogia à santa ceia, em que se tem o uso do vinho, em que Anita se prepara para o sacrifício e, seus familiares, com os pratos na mão para comerem o bolo, estariam concretizando o sepultamento da matriarca. Portanto, o ato de comer torna-se análogo ao de matar. Ademais, o nojo e o cuspe da parte de Anita simbolizam a sua cólera ao verificar que fora a responsável pelos “azedos infelizes frutos”.

Com Teresa, constatou-se que a cozinha era o lugar de alquimia que lhe proporcionou autonomia e felicidade. O doce não era só o que ela produzia nesse ambiente, mas também ela própria, assim como seus escritos, os quais foram descritos a partir de imagens que remetem a ações e sensações típicas do ato de cozinhar. Teresa é doce em sua essência: seu “jeito doce”, seus “olhos de jabuticaba”, ela “não tem vocação para amarga”.

Referências

- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- CASTELO BRANCO, L. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Trad. de Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- GOTLIB, N. B. *Clarice uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

- GRÜNSPUN, H.; GRÜNSPUN, F. "A mulher no mundo atual". In: *Assuntos de família*. São Paulo: Kairós, 1984.
- GUERRA, L. "Con las manos en la masa: la inscripción de la cocina y el hacer doméstico como espacios culturales y políticos." In: *La mujer fragmentada: historias de un signo*. Santiago: Cuarto Propio, 1995.
- GUIDIN, M. L. D. R. *A estrela e o Abismo: um estudo sobre feminino e morte em Clarice Lispector*. 1989. 293f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Lispector, C. "Feliz aniversário". In *Laços de família*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- LOPES, E. "Discurso literário e dialogismo em Bakhtin". In: BARROS, D. L. P. de e FIORIN, J. L. (Orgs.) *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin Mikhail*. São Paulo: Edusp, 1994.
- PASSOS, C. R. P. *Confluências, crítica literária e psicanálise*. São Paulo: Nova Alexandria: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- SAVARY, F. "Doce de Teresa". In: *25 sinos de acordar Natal*. São Paulo: Salesiana, 2001.
- SHOWALTER, E. *Speaking of Gender*. New York: Routledge, 1989.
- _____. "A crítica feminista no território selvagem". In: HOLLANDA, H. B. de (Org.) *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1981.
- VIANNA, L. H. "Clarice e o lugar do autor". In: FUNCK, S. B. (Org.) *Trocando ideias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês, Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.
- VIEIRA, N. H. "Visões judaicas sobre idosos nos Brasil: continuidade e descontinuidade do ser étnico". In: BARBOSA, M. J. S. (ORG.) *Passo e Compasso: nos ritmos do envelhecer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- XAVIER, E. Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória. *Mulheres e Literatura*, v. 3, 1999. Disponível em: <[http:// www.letras.ufrj.br/litcult/revista_mulheres/volume3/31_elodia.html](http://www.letras.ufrj.br/litcult/revista_mulheres/volume3/31_elodia.html)> Acesso em: 23 ago.2004.
- ZOLIN, L. O. Crítica feminista. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs.) *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed., rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005.

Recebido em: 01/04/2017

Aceito em: 18/05/2017

Referência eletrônica: OLIVEIRA, Marina João Bernardes de. O azedo e o doce: a simbologia do alimento na construção da personagem feminina idosa em contos de Clarice Lispector e Flávia Savary. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n. 18, p. 198–215, jun. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd/mm/aaaa.